

Identificação da proposta

Título do projeto de pesquisa: Culpa, redenção e reparação infinita em Walter Benjamin e Primo Levi a partir da teoria psicanalítica.

Grande área/área FILOSOFIA/ÉTICA

Palavras-chave: Benjamin. Primo Levi. Culpa. Redenção. Campo

Introdução

É sabido que Freud problematizou e radicalizou a sua “teoria das pulsões” a partir das experiências com o tratamento das neuroses traumáticas comuns e das neuroses traumáticas de guerra – com respeito a estas últimas, tal lida se deu por ocasião do fim da Primeira Guerra. Dois achados clínicos fundamentais suscitaram uma revisão e um superveniente dimensionamento mais profundo do “comportamento pulsional” – ou pelo menos proporcionaram novas orientações e conseqüências, por parte da elaboração teórica de Freud – a saber: a compulsão à repetição e a resiliência onírica em cenas traumáticas. Freud foi levado a admitir uma orientação mais profunda do psiquismo, fundada igualmente numa função conservadora, além da componente manifestamente erótica presente na libido sexual, cuja tendência seria um movimento de retrogradação da vida, segundo a analogia biológica de que ele faz uso, orientação que ele denominará de *pulsão de morte*. Em seu texto *Para além do princípio do prazer* (1920), Freud problematiza sobremaneira, por meio de um tratamento do aspecto econômico da matéria, a dialética movediça do prazer e do desprazer oriundos tanto do estrato consciente quanto do inconsciente, enquanto tais sentimentos se produzem por meio de elevação e diminuição da quantidade de excitação.

Não parece ser fortuito que, à “experiência” de morte e de sofrimento em larga escala e em intensidade inaudita ocasionada pela primeira grande guerra, suceda essa especulação de Freud acerca de um funcionamento mais arcaico do psiquismo diante dos limites de sua sustentação em situações de grandes traumas. Esta preocupação “econômica” de Freud não é somente formal ou esquemática, com fins a compreender os mecanismos de descarga e de assimilação de estímulos que provocam desprazer, por assim dizer, mas convém entendê-la também, certamente, como índice de uma atenção voltada para os limites que cerceiam a sustentação psíquica diante de experiências limítrofes para a subjetividade e dos recursos frágeis e subproporcionados de que o psiquismo se vale para “catexizar” este incremento traumático de “excitações”¹.

1 Nesse sentido seguem as formulações de Freud em *Além do Princípio do Prazer* da intensidade perturbadora em grandes traumas e da resposta defensiva: a) “uma ‘anticatexia’ em grande escala é estabelecida, em cujo benefício todos os outros sistemas psíquicos são empobrecidos, de maneira que as funções psíquicas remanescentes são grandemente paralisadas ou reduzidas”; b) “ver-se-á, então, que a preparação para a ansiedade e a hipercatexia dos sistemas receptivos constitui a última linha de defesa do escudo contra estímulos. No caso de bom número de traumas, a diferença entre sistemas que estão despreparados e sistemas que se acham bem preparados através da hipercatexia, pode constituir fator decisivo na determinação do resultado, embora, onde a intensidade do trauma exceda certo limite, esse

Em textos posteriores, datados do final da década de trinta, já próximos de sua morte, Freud volta a tornar central o papel definidor da componente econômica nos processos de sofrimento psíquico. Centralidade que podemos notar em *Compêndio de Psicanálise* (1938-40) e no fragmento inconcluso *A cisão do eu no processo de defesa* (1938-40). No primeiro texto, Freud menciona os “neuróticos que padecem gravemente” [*schwer leidenden Neurotiker*]. Também aí fala que “são *desarmonias quantitativas* que devem ser responsáveis pela inadequação e pelos sofrimentos dos neuróticos” e, ao sumarizar as consequências do processo de castração, pondera que “dependerá de relações quantitativas a extensão dos danos causados”. Por fim, o que nos interessa, Freud chega, através da explicação das relações dessas quantidades em jogo, materializadas nas três reivindicações que obsedam permanentemente o Eu (as demandas do Isso, do Super-eu e da realidade exterior), ao fenômeno que ele denominou de cisão psíquica (*pysichische Spaltung*), que funciona como uma resolução na forma de um rasgo (*Einriss*) infligido em razão do confronto permanente e da intensificação de um dos lados em litígio, de modo que o Eu sofre um espécie de colapso e se segmenta na tentativa de produzir uma conciliação das exigências em disputa. Essa forma de defesa do eu apresenta um borramento estrutural. Ela orbita entre a neurose, a psicose e a perversão, fato que faz com que Freud compreenda essa forma de defesa como operada a partir de meias-medidas [*halbe Massregeln*]. É sobre essa operação que o segundo texto terminal supracitado tentará avançar, intuito que permanece incompleto em virtude da morte de Freud, mas que não impede de nos fornecer aspectos e direcionamentos fundamentais, já que esta apresentação preliminar fragmentária do problema se encaminhava para a problematização da função sintética do eu e da falência e limites da mesma, de onde se depreende uma tendência psicotizante, isto é, uma tendência a um “desprendimento da realidade exterior” por parte do Eu, resultante do aumento do desprazer causado pela intensificação das exigências intra e extrapsíquicas.

Estes elementos que pretendemos ter minimamente destacado da teoria pulsional freudiana, deve nos munir de uma perspectiva de abordagem de duas reflexões que, também, por caminhos distintos, na vida e na teoria, lidaram com a questão do sofrimento. Pensamos aqui em Walter Benjamin e em Primo Levi. Aquele, por ter produzido uma reflexão sobre a atuação e funcionamento da violência fascista, e ter sido uma vítima do mesmo, e este último por ter “sobrevivido” à “experiência” do campo de concentração nazista e ter nos concedido um testemunho destas “vivências”. Em ambas as “reflexões” desses pensadores estão presentes os elementos do sofrimento psíquico, dos limites antropológicos diante de vivências terríficas, da posição diante da possibilidade de reparação, da via de redenção e dos efeitos perversos da culpa e da imputação da culpa, elementos estes que tomam um encaminhamento de conjunto próprio em cada uma dessas reflexões.

A perspectiva econômica que a psicanálise nos fornece para abordar as matérias um tanto dispersas nas reflexões desses dois autores – dados os pontos de vistas e as posições temporais distintos em que se situam – deve nos servir para balizar e acompanhar a questão da “experiência” com o sofrimento não-suportável – *unerträglich*, como diria Freud.

Referindo inicialmente a Walter Benjamin, precisamente em *Experiência e Pobreza*, prestemos atenção como ele, nesse texto, nos apresenta a desproporção que a guerra torna flagrante, o seu ilimitado poder de carnificina diante do material humano,

fator indubitavelmente deixe de ter importância”.

um contraste que é tornado absolutamente central por este autor: “num campo de forças de correntes e explosões destruidoras, estava o frágil e minúsculo corpo humano” (p. 124). A compleição antropológica é, através dessa imagem, tornada completamente, diria eu, “inadaptada”, infinitesimal, quando reportada às virtualidades da destrutividade épica das novas técnicas e linhas de montagens da guerra. Com isso, ele acena no sentido de uma incomensurabilidade entre a compleição antropológica do combatente e a potência genocida, terrífica e descomunal revelada pelos acontecimentos da Primeira Guerra Mundial. E prossegue em ressaltar o “saldo” em linguagem que se aufere da “experimentação” dessa destrutividade, quando remete ao emudecimento dos soldados diante de suas vivências de guerra, denunciando um prejuízo que a guerra provoca na capacidade de simbolização dos sujeitos².

Em *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, Benjamin retoma, nessa esteira do prejuízo para a comunicação, a tendência psicotizante do consumo das imagens na sociedade de massas, justamente com um veio imaginarizante que se irradia até o mais recôndito da vida cotidiana para fazer suplência desse empobrecimento simbólico, de modo que a inversão entre o sonho e a vigília aparece realizada na vida dos homens contemporâneos, para os quais o que é comum é transportado para o universo onírico e o que é da ordem do privado, marcado pela idiotia, individualizado, é tornado o *modus vivendi* dos homens despertos:

aos olhos das pessoas, fatigadas com as complicações infinitas da vida diária e que vêem a finalidade da vida apenas como o mais remoto ponto de fuga numa interminável perspectiva de meios, surge uma existência redentora que em cada dificuldade se basta a si mesma, do modo mais simples e ao mesmo tempo mais cômodo, na qual um automóvel não pesa mais que um chapéu de palha, e uma fruta na árvore se arredonda como a gôndola de balão (p. 128).

Ao nos remeter a esse prejuízo radical indicado pela reflexão de Benjamin e a esse elemento onírico que domina na vida desperta dos indivíduos, podemos entender como a “intensidade” ou o incremento de sofrimento desproporcional e a insatisfação generalizada, ao impelir os sujeitos cada vez mais para baixo da linguagem, para uma condição inenarrável, encontra sua contraface no complexo sofisticado imagético-imaginário que funciona como um narcotizante da satisfação negada pelo rebaixamento linguageiro das experiências que poderiam aproximar, re-unir os sujeitos a partir de um horizonte de uma vida comum, evidenciando, deste modo, uma tendência perverso-psicotizante, portanto, produtora de cisão, ou ainda, o uso estratégico da violência no capitalismo contemporâneo com fins de dominação social.

É exatamente sobre tal violência que versam dois textos de Benjamin, *Crítica da violência, crítica do poder* (1921) e *Sobre o conceito de histórica* (1940), os quais, embora separados por um interregno de quase 20 anos, o que os fazem apresentar diferenças marcantes no estilo e na articulação da questão, possuem, no entanto, inegavelmente, traços de continuidade no conteúdo, porque ambos são ricos e enfáticos em formulações sobre a perpétua injunção de culpa da violência, adjetivada por Benjamin de “mítica” no texto mais antigo. Nesse texto, Benjamin esboça uma teoria

² Afirma Benjamin, no mesmo texto: “Não, está claro que as ações da experiência estão em baixa, e isso numa geração que entre 1914 e 1918 viveu uma das mais terríveis experiências da história. Talvez isso não seja tão estranho como parece. Na época, já se podia notar que os combatentes tinham voltado silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos” (pp. 114-15).

em que apresenta as linhas de continuidade histórica da violência “mítica”, articulando a figura moderna do direito burguês ainda como herdeiro confirmador da forma e eficácia da referida violência. Em grossos traços, Benjamin procura demonstrar o caráter mítico do direito moderno a partir do entendimento de que nele, assim como no círculo mítico mais estrito, todo ato de transgressão a todo limite instituído é replicado e reparado com base na lógica perpétua da penitência [*Sühne*], quer dizer, é a reprodução indefinida da pressuposição da culpa e a decadência perpétua na infelicidade, tal como da afronta ao poder dos deuses resulta para o herói mítico. O que depreendemos desse texto de Benjamin é que o poder [*Macht*] jurídico moderno se constitui como prevalência de uma unilateralidade cuja contra-força está condenada *ab origine*. Esta situação é o que resulta no “amontoado, como Benjamin formulará em seu texto de maturidade *Sobre o conceito de história*, de ruínas que crescem até o céu” (p. 226). Uma catástrofe diante da qual – nos parece ser esta a perspectiva de Benjamin – não há reparação possível, pois toda reivindicação de reparação salvaguarda em negativo a legitimidade do poder instituidor da violência presente, cujo funcionamento e preservação são legados a um poder mantenedor da mesma, de modo que um ajuste de contas nesse contexto aparece como submissão não absolvedora, nem da culpa pressuposta nem da culpa adquirida. Para Benjamin, qualquer reivindicação de reparação, portanto, redundaria, ao cabo, num ato de compromisso com a prerrogativa do direito/poder de penitenciar, atribuída à unilateralidade que institui o “estado de direito”.

Tomando em consideração os acontecimentos da Segunda Guerra, posteriores a esta reflexão de Benjamin, podemos conceber que o paroxismo desse poder mantenedor da violência se manifesta em sua força mais devastadora no *experimentu mortem* do campo de concentração, onde a lógica de funcionamento do poder mítico alcança historicamente sua eficácia plena, na medida em que os efeitos dessa violência foram perpetrados no interior do poder instituído [*Macht*].

Sobre as conseqüências dessas “vivências” no campo, nos relata prodigamente os textos de Primo Levi. Em *É isto um homem?*, Primo Levi descreve as condições ignominiosas e a derrocada comunicativa a que foram submetidos os prisioneiros nos campos. Em seu testemunho, o realce do caráter de infinitude do sofrimento é, assim como em Benjamin, uma constante, precisamente através das narrativas das vivências em que nos deparamos com os limites subjetivos, em muitos casos ultrapassando os limites de sustentação fisiológicos. Primo Levi busca caracterizar a forma de atuação desta violência diante da qual os indivíduos foram objetificados, sendo tomados somente como suporte de uma mera vitalidade, esta que, por sua vez, quando atingia seus limites puramente biológicos, físicos, era eliminada como despojo inútil. É dentro desse horizonte assintótico à “infelicidade completa” que se move também a reflexão, pós-Auschwitz, de Primo Levi.

O *Häftling*, o prisioneiro do campo de concentração, era esse depositário de uma culpa originária, assujeitado a um sistema de expiação perverso e interminável em sua forma, que só era detido pela fragilidade do material humano que ele utilizava em suas articulações, material que, na metáfora de Primo Levi, na maioria das vezes, *ia ao fundo* com facilidade. Como sobrevivente de Auschwitz, Primo Levi nos fala do campo a partir da determinação central da *punição*, *leitmotiv* que nos permite, certamente, um cotejo fundamental com Benjamin. Diz-nos Primo Levi: “para nós, o Campo não é uma punição; para nós não está previsto um prazo; o Campo é apenas o gênero de existência que nos foi atribuído, sem limites de tempo, dentro da estrutura social alemã” (p. 120-21). Benjamin, no *Crítica da violência, crítica do poder*, também marca a ausência de

punição na violência mítica, precisamente porque este ato de fazer contraface à transgressão não se inscreve na medida de um contra-poder restabelecedor da justiça, mas somente faz engrenar mais ainda a roda do suplício, da penitência, numa aproximação assintótica com a desgraça absoluta.

As conseqüências desse sofrimento global da pessoa, em seus aspectos físico e psíquico, é, segundo Primo Levi, um afundamento sem volta. Primo Levi sugere que os relatos sobre os *Lager*, muito provavelmente, só puderam ser feitos por quem não chegou ao seu fundo, pois que, uma vez atingido esse limiar, só resultara duas alternativas: ou tais pessoas não emergiram de volta ou os prejuízos de suas capacidades subjetivas foram decisivos para um colapso da memória e da fala sobre os acontecimentos terríficos. Em um texto posterior, chamado *Os afogados e os sobreviventes*, ele pondera:

[...] hoje se pode bem falar que a história dos *Lager* foi escrita quase exclusivamente por aqueles que, como eu próprio, não tatearam seu fundo. Quem o fez não voltou, ou então sua capacidade de observação ficou paralisada pelo sofrimento e pela incompreensão (p. 12).

É a partir daqui também que, em muitos aspectos, a reflexão de Primo Levi se aproxima dos temas e das questões levantadas por Benjamin nos textos suprarreferidos. Para Primo Levi, a narrativa do *Lager*, como produção rememorativa do acontecido é completamente problemática, porque se depreende de uma relação com o sofrimento numa escala, grau e intensidades que, fatalmente, desperta as forças possíveis de defesa psíquica diante do insuportável, de modo que, grande parte das descrições e reconstruções, quando são feitas, aparecem sob o efeito falsificador e deturpador de um esquecimento necessário à saúde dos sobreviventes, tanto do lado dos prisioneiros, quanto do lado dos algozes – estes últimos, diga-se de passagem, tratavam-se em grande parte dos próprios prisioneiros recrutados como colaboradores, função que, para a maioria que não era estruturalmente sádica, funcionava como um alternativa de sobrevivência e de “melhores” condições. Sobre esse prejuízo marcado pela transgressividade sem termo da violência infligida, nos diz Primo Levi:

mais uma vez se deve constatar, com pesar, que a ofensa é insanável: arrasta-se no tempo, e as Eríneas, em quem é preciso também crer, não atribulam só o atormentador (se é que o atribulam, ajudadas ou não pela punição humana), mas perpetuam a obra deste, negando a paz ao atormentado. (2016, p. 18)

Benjamin, de modo análogo, em *Sobre o conceito de história*, embora seja necessário um ulterior desdobramento das relativas distinções de contextos referidos por ambos os autores, remete à irrecuperabilidade do passado como fato³. Além disso, também esta irrecuperabilidade do passado como fato vincula-se indissociavelmente à existência da diferença social entre dominadores [*Herrschender*], vitoriosos [*Sieger*] e oprimidos [*Untedrückter*]. Em Benjamin, a recuperação do ocorrido como verdade não pode dar-se sem o ato/acontecimento da redenção (*Erlösung*), ato que não vale enquanto reparação parcial de um prejuízo qualquer, mas apenas enquanto subsume e redime a humanidade⁴, pois toda suposição de verdade nascida em meio à violência da diferença

3 Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo” (p. 224, tese 6).

4 Sem dúvida, somente a humanidade redimida pode apropriar-se totalmente de seu passado. Isso quer dizer: somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um de seus momentos” (p. 223, tese 3).

social transforma-se em índice de compromisso com o destino dos mortos, ou, no caso de Primo Levi, dos afogados. Para Benjamin, a impossibilidade da narrativa histórica se transformar em citações *à l'ordre du jour* está implicada com a existência de uma corvêia anônima que sucumbiu (*foi ao fundo*) ante a vitória incessante dos dominadores, quer dizer, ante a existência permanente de um poder/violência unilateral.

A partir desses elementos, sucinta e fragmentariamente articulados, com base na reflexão em textos específicos de dois autores que refletiram sobre os efeitos e os limites da violência autoritária transgressiva à compleição humana, em sua estruturação física e psíquica, gostaríamos de demarcar a questão ou a discussão que a presente pesquisa pretende investigar e problematizar.

Assim como no texto de partida desta problematização, *Além do princípio do prazer*, no qual Freud começa a demarcar os limites das medidas defensivas frente a vivências de intenso sofrimento, divisando certo limite antropológico para o trabalho de sustentação psíquica, interessa-nos, balizados pelas intuições rudimentares desse texto, mas no esforço de ampliá-las também, encampando também as reflexões presentes no texto *Psicologia das massas e análise do eu*, onde é discutido o processo de identificação e de acolhimento por grupos de uma agressividade autoritária, levantar algumas questões que articulam essa relação entre o elemento econômico do sofrimento, a culpabilidade e os meios de reparação com respeito a tais acontecimentos atrozes.

Sabemos que à dissolução dos campos de concentração nazistas sucedeu a necessidade premente de qualificar, imputar e punir tais atos hediondos. Sabemos, também, que essa constelação infernal se materializou muito mais estruturada em um sistema simbólico-social de penitência do que em atos criminosos hediondos imputáveis a personalidades ou grupo isolados. Esta necessidade levantou para muitos sobreviventes e, em especial, pensadores, a questão da equivalência da punição com a penitência infligida por tais crimes. A escala genocida de atuação da violência dos *Lager*, o intrincado complexo de crueldade praticada sobre as vidas de populações inteiras, o demoníaco alastramento imanente, dissolvido e acolhido positivamente pelas massas da agressividade, ou da passividade indiferente diante dela, constituem alguns complicadores que repercutem no questionamento sobre a medida e o significado da punição possível.

A presente pesquisa pretende discutir esses fatores que complicam essa demanda por punição, problematizando os paradoxos e os borramentos entre a continuidade da lógica penitenciadora e a necessidade de interrupção simbólico-real das condições sócio-culturais que permitem a repetição, retorno ou manutenção da forma social *Campo*. O incômodo que nos motiva é a pergunta pela resposta “adequada” à violência inaudita que possibilitou e culminou no *Campo*. Partindo da leitura dos relatos de Primo Levi e das problemáticas éticas que seus escritos nos legaram, cotejando com a reflexão sobre violência de Benjamin, assim como a concepção de *redenção* formulada por este, que tem o significado último de ser uma resposta à “violência mítica”, esta que, por sua vez, nos termos de Benjamin dos anos 20, parece já ser uma antecipação do que o paroxismo do campo materializará em toda sua contundência, não mais como uma orientação obscena, mas como um conjunto de princípios legais, simbólicos e ideológicos funcionando à luz do dia, pretendemos estabelecer uma relação entre sofrimento psíquico, violência social e a questão da punição ou reparação infinita.

OBJETIVOS

Geral

Investigar a concepção de culpa, redenção e reparação nas reflexões de Walter Benjamin e Primo Levi a partir de uma chave de leitura psicanalítica.

Específicos

- Apresentar um paralelo categorial para estabelecer relações de proximidade e discordâncias entre a reflexão de Walter Benjamin e Primo Levi;
- Discutir especificamente a homologia entre os conceitos centrais de “oprimidos” e “afogados”, presentes respectivamente nas reflexões de Walter Benjamin e de Primo Levi;
- Individualizar elementos para uma crítica da psicologia das massas em textos específicos da teoria psicanalítica;
- Evidenciar a diferença entre a perspectiva de reparação infinita e redenção, mostrando as distinções que estas noções apresentam no interior das reflexões de Walter Benjamin e de Primo Levi;
- apresentar uma perspectiva econômica acerca do sofrimento insuportável.

METODOLOGIA

Como a proposição da presente pesquisa encontra-se comprometida com a aproximação e o estabelecimento de uma interlocução entre, por assim dizer, três fontes teóricas distintas, quais sejam, a “teoria da violência” de Benjamin, a reflexão sobre a forma “campo” de Primo Levi e a dimensão econômica dos processos psíquicos de sofrimento insuportável na teoria psicanalítica, tomando esta última como horizonte onde se estabelecerá a aproximação e confronto das duas primeiras, procurar-se-á, primeiramente, (i) ressaltar e articular minimamente as noções e intuições que Freud nos legou para situar e compreender o processo de elaboração de grandes traumas, tentando vincular aos mecanismos e funcionamento de defesa que ocorre no interior do comportamento das massas. Em segundo lugar, (ii) destacar da reflexão de Walter Benjamin os conceitos e relações fundamentais que estruturam sua “teoria da violência/poder”, enfatizando e apresentando tal teoria como uma crítica de uma experiência social fundada na culpa e na reparação. Em terceiro lugar, (iii) acompanhar os questionamentos ético-sociais suscitados pelos textos testemunhos de Primo Levi acerca do acontecimento “campo”, procurando compreender o significado ético de “punição” discutido e problematizado em tais textos.

O tratamento e estudo desses núcleos temáticos (i, ii e iii) serão feitos de forma permanente, no decorrer do período da pesquisa, e o andamento do trabalho será avaliado através de encontros quinzenais com os orientandos, que serão orientados a, num primeiro momento do processo, produzir anotações e textos interpretativos onde compareça uma discussão conceitual ou levantamento de problemas e questões relativos aos temas parciais ou subordinados à proposição temática geral da pesquisa.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, ocorrerão encontros periódicos dedicados à apresentação de seminários temáticos propostos pelos próprios orientandos e alternados com seminários preparados pelo orientador do projeto.

Proceder-se-á à leitura e à investigação aprofundadas dos encaminhamentos e núcleos temáticos selecionados pelos orientandos, conforme seus interesses de discussão e de investigação constituídos, com orientação continuada nos encontros quinzenais para enriquecimento bibliográfico e acompanhamento do levantamento das questões que serão discutidas na produção do texto final da pesquisa.

O momento terminal da pesquisa será destinado à produção do texto final da pesquisa, no formato de artigo científico, onde a relação entre os núcleos temáticos deve ser produzida. Os encontros quinzenais passam a ser dedicados ao acompanhamento da produção textual dos orientandos, atentando para os aspectos de articulação conceitual, metodologia da discussão, estrutura de composição e argumentação das questões.

A base bibliográfica dos três núcleos temáticos que estruturarão a pesquisa será: 1) Os escritos de Freud onde se discute neurose traumática e comportamento das massas, 2) os textos sobre a teoria da violência de Benjamin e 3) os escritos sobre as vivências no *Campo* de Primo Levi.

Com relação ao primeiro núcleo, constituem textos centrais o *Além do princípio do prazer* (1920) e o *Psicologia das massas e análise do eu* (1921). Como possível suplemento, pode ser feito um cotejo com a continuidade desses temas e conceitos tal como comparecem na reflexão de Lacan, a partir do texto *O estádio do espelho* (1949), e *A agressividade em Psicanálise* (1948).

O segundo núcleo basear-se-á, no que diz respeito à teoria da violência de Benjamin, sobre os seguintes textos: a) *Crítica do poder/violência* (1921), *Destino e Caráter* (1921) e *Sobre o conceito de história* (1940). Além desses três textos, é possível complementar esse núcleo com os seguintes textos: *Teorias do Fascismo Alemão* (1930), *Experiência e Pobreza* (1933) e *A Obra de Arte na Era da sua Reprodutibilidade Técnica* (1936).

O terceiro núcleo se baseará sobre três textos de Primo Levi: *É isto um homem?* (1947), *A trégua* (1963) e *Os afogados e os sobreviventes* (1977).

O trabalho com a bibliografia secundária será feito em paralelo ao tratamento dos textos centrais desses núcleos temáticos.

PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES CIENTÍFICAS, TECNOLÓGICAS OU DE INOVAÇÃO DO PROJETO

As questões que o presente projeto pretende discutir e problematizar, num escopo filosófico-psicanalítico, contribuem para um espectro de abordagens multidisciplinares sobre a questão do sofrimento psíquico nas condições do capitalismo atual. Desde o fechamento e destruição dos campos de concentração, alguns pensadores, como Giorgio Agamben, por exemplo, tem pensado e denunciado as relações sociais presentes como presididas por uma lógica de ampliação universal da forma “campo”. A presente discussão deste projeto, que é sensível a esta perspectiva, elegendo o pensamento de Walter Benjamin e de Primo Levi para contextualizar e circunstanciar as questões, adere igualmente, embora sob termos distintos, à concepção que admite que o fim dos experimentos dos *Lager* nazistas não significou, ao cabo, a eliminação e interrupção definitivas de uma experiência condenável, mas um refluxo e preparação para um retorno intensificado em escala mundial da estrutura de segregação e de

condenação do *Campo*. Refletir sobre os sinais que nos demonstram o retorno dessa vaga, numa amplitude e magnitudes novamente e tragicamente inauditas, constitui o propósito e a tentativa de colaboração para as reflexões atuais sobre o assunto.

5. CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO DO PROJETO

Mês 1

- Apresentação do roteiro de pesquisa;
- Revisão, pesquisa e planejamento do tratamento bibliográfico da pesquisa;
- Leitura e fichamento do núcleo temático I.

Mês 2

- Leitura e fichamento do núcleo temático I;
- Encontros para acompanhamento da investigação do núcleo temático I.

Mês 3

- Leitura e fichamento do núcleo temático I;
- Encontros para acompanhamento da investigação do núcleo temático I.

Mês 4

- Leitura e fichamento do núcleo temático I;
- Encontros para acompanhamento da investigação do núcleo temático I.

Mês 5

- Leitura e fichamento do núcleo temático I;
- Encontros para acompanhamento da investigação do núcleo temático I.

Mês 6

- Leitura e fichamento do núcleo temático I;
- Encontros para acompanhamento da investigação do núcleo temático I.

Mês 7

- Leitura e fichamento do núcleo temático II e III;
- Encontros para acompanhamento da investigação do núcleo temático II e III.

Mês 8

- Leitura e fichamento do núcleo temático II e III;
- Encontros para acompanhamento da investigação do núcleo temático II e III.

Mês 9

- Preparação dos seminários temáticos de Pesquisa;
- Encontros para preparação dos Seminários temáticos.

Mês 10

- Preparação dos seminários temáticos de Pesquisa;
- Encontros para preparação dos Seminários temáticos.

Mês 11

- Apresentação dos seminários temáticos de Pesquisa;

Mês 12

- Avaliação e encaminhamentos para a continuidade temática da pesquisa;

- Escrita do relatório individual parcial da Pesquisa.

Mês 13

- Leitura e fichamento do núcleo temático II e III;
- Encontros para acompanhamento da investigação do núcleo temático II e III.

Mês 14

- Leitura e fichamento do núcleo temático II e III;
- Encontros para acompanhamento da investigação do núcleo temático II e III.

Mês 15

- Leitura e fichamento do núcleo temático II e III;
- Encontros para acompanhamento da investigação do núcleo temático II e III.

Mês 16

- Leitura e fichamento do núcleo temático II e III;
- Encontros para acompanhamento da investigação do núcleo temático II e III.

Mês 17

- Leitura e fichamento do núcleo temático II e III;
- Encontros para acompanhamento da investigação do núcleo temático II e III.

Mês 18

- Leitura e fichamento do núcleo temático II e III;
- Encontros para acompanhamento da investigação do núcleo temático II e III.

Mês 19

- Leitura e fichamento do núcleo temático II e III;
- Encontros para acompanhamento da investigação do núcleo temático II e III.

Mês 20

- Leitura e fichamento do núcleo temático II e III;
- Encontros para acompanhamento da investigação do núcleo temático II e III.

Mês 21

- Preparação dos seminários temáticos de Pesquisa;
- Encontros para preparação dos Seminários temáticos.

Mês 22

- Preparação dos seminários temáticos de Pesquisa;
- Encontros para preparação dos Seminários temáticos.

Mês 23

- Apresentação dos seminários de Pesquisa.

Mês 24

- Avaliação e encaminhamentos para a continuidade temática da pesquisa;
- Escrita do relatório final da Pesquisa;
- Entrega do Artigo Científico.

Bibliografia

AQUINO, Emiliano. Imagem onírica e imagem dialética em Walter Benjamin. Kalagatos (UECE), Fortaleza, CE, v. I, n. 2, p. 45-72, 2004.

BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”. In: **Obras Escolhidas I**. Tradução brasileira de Sérgio Paulo Rouanet. 8 ed. Brasiliense: São Paulo, 2012. pp. 165-196

_____. “Teorias do fascismo alemão”. In: **Obras Escolhidas I**. Tradução brasileira de Sérgio Paulo Rouanet. 8 ed. Brasiliense: São Paulo, 2012. pp. 63-76

_____. “Experiência e pobreza”. In: **Obras Escolhidas I**. Tradução brasileira de Sérgio Paulo Rouanet. 8 ed. Brasiliense: São Paulo, 2012. pp. 123-128.

_____. “Sobre o conceito de História”. In: **Obras Escolhidas I**. Tradução brasileira de Sérgio Paulo Rouanet. 8 ed. Brasiliense: São Paulo, 2012. pp. 222-232.

_____. “Crítica do poder/Crítica da Violência”. In: **Documentos de Cultura/Documentos de barbárie (escritos escolhidos)**. Tradução brasileira de tradução Celeste H.M. Ribeiro de Sousa . Cultrix São Paulo, 1986. pp. 160-175

_____. “Destino e Caráter”. In: **O anjo da história**. Seleção de textos e tradução brasileira de João Barrento. Autêntica: São Paulo, 2012.

FREUD, Sigmund. “Além do princípio do prazer”. In: **Obras completas em 20 volumes**. Tradução brasileira de Paulo César de Souza. Companhia das Letras: São Paulo, 2010. v. 14, pp. 161-239.

FREUD, Sigmund. “Psicologia das massas e análise do eu”. In: **Obras completas em 20 volumes**. Tradução brasileira de Paulo César de Souza. Companhia das Letras: São Paulo, 2011. v. 15, pp. 161-239.

GAGNEBIN, J.-M. **História e narração em Walter Benjamin**. Perspectiva: São Paulo, 1994.

LACAN, Jacques. “O estádio do espelho como formador da função do eu”. In: **Escritos**. Trad. brasileira de Vera Ribeiro. ZAHAR: Rio de Janeiro, 1998. pp. 96-103.

_____. “A agressividade em Psicanálise”. In: **Escritos**. Trad. brasileira de Vera Ribeiro. ZAHAR: Rio de Janeiro, 1998. pp. 104-126.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Tradução brasileira de Luigi Del Re. Rocco: Rio de Janeiro, 1988.

_____. **Os afogados e os sobreviventes?** Tradução brasileira de Luiz Sérgio Henriques. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 2016.

_____. **A trégua**. Tradução brasileira de Marco Lucchesi. Companhia das Letras: São Paulo, 2010.

SELIGMANN-SILVA, M. (Org.). **Leituras de Walter Benjamin**. FAPESP/
AnnaBlume: São Paulo, 1999.